

**A PRODUÇÃO DE DIFERENTES SENTIDOS PARA A TATUAGEM
DENOMINADA ÍNDIA**

THE PRODUCTIONS OF DIFFERENTS SENSES THE TATTOO NAMED ÍNDIA

Naiara Souza da Silva¹
Ercília Ana Cazarin²

RESUMO: A presente proposta visa a refletir, no âmbito da Análise do discurso (AD) de tradição pecheuxtiana, sobre a produção de diferentes sentidos à tatuagem intitulada *índia*. Mais precisamente, tratamos de duas leituras distintas: a primeira delas foi apresentada pela “Cartilha de Orientação Policial – Tatuagens: Desvendando Segredos” (2011), produzida pela Polícia Militar do Estado da Bahia que apresenta a seus leitores sentidos a algumas tatuagens. E, a segunda, é a que fazemos a partir de uma entrevista oral realizada com um sujeito que possui a tatuagem *índia* materializada no seu corpo, o qual, todavia, desconhece a existência da Cartilha. Esclarecemos, de antemão, que concebemos a tatuagem como um texto portador de discursividade. Isso posto, salientamos que neste trabalho compreendemos que se tratam de duas instâncias diferentes, produzindo e mobilizando sentidos que são afetados por imaginários também distintos. Nosso objetivo é contrapor o sentido pré-determinado pela referida Cartilha com aquele que nos foi possível produzir a partir da análise da entrevista do sujeito tatuado no que se refere a sua *tattoo*. A partir de leituras e de outros trabalhos por nós realizados, entendemos que a tatuagem significa e que os sentidos não estão unicamente no desenho, mas estão aquém e além dele. Nessa perspectiva, atentamos para o fato de que como as palavras não são dotadas de um sentido *a priori*, tal como propõe o legado pecheuxtiano, com as *tattoos* o processo de produção de sentido também não nos permite pré-determinar sentidos de forma autoritária. Na leitura/interpretação de uma tatuagem, múltiplas leituras podem ser produzidas, dependendo dos efeitos de memória que nelas sejam mobilizados. Novas interpretações podem ser projetadas e esse trabalho discursivo de atribuição de sentidos é que pode, inclusive, influenciar a sociedade leitora em (pré)conceitos sobre o sujeito tatuado e/ou com a tatuagem que ele carrega no seu corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Tatuagem; Interpretação; Efeitos de Sentido.

ABSTRACT: The present proposal aims to reflect, in the scope of the Discourse Analysis (AD) of Pêcheux tradition, about the productions of different interpretations of a tattoo named *índia*. More accurately, we treat of the two dissimilar interpretations: the first one was presented by “Cartilha de Orientação Policial – Tatuagens: Desvendando Segredos” (2011), produced by the Military Policy of Bahia State that presents to its readers the direction of some tattoos. And the second, that it is which we do, from an oral interview realized with a citizen who has the *índia* tattoo materialized on his body, which, however, does not know

¹ Doutoranda em Letras e bolsista CAPES, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (PPGL/UCPEL). Membro do Laboratório de Estudos em Análise do discurso (LEAD). E-mail: naiaraa_souza@hotmail.com

² Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (PPGL/UCPEL) e uma das coordenadoras do Laboratório de Estudos em Análise do discurso (LEAD). E-mail: eacazarin@gmail.com

about the existence of the Cartilha. We clarify beforehand, that we conceive a tattoo as a text that produce discourses. Made this registration, we point out that in this study we understand there are two distinct instances, that produce and mobilize directions that are also affected by different imaginaries. Our objective is to oppose the predetermined direction given by the Cartilha with the one that we could produce from the analysis of the interview of the tattooed citizen to concern his tattoo. From lectures and other works realized by us, we understand that the tattoo means and that the senses are not only in drawing, but beyond it. In this perspective, we call attention to the fact that as the words are not endowed with a sense *a priori*, as proposed by the Pêcheux legacy, as the tattoos that process the meaning production also do not let us predetermine senses in authoritarian form. In reading/interpretation of a tattoo, multiple interpretations can be produced, depending on the memory effects that are mobilized at the moment. New interpretations can be projected and this discursive work of attribution of directions is one that can influence the reader society in (pre)concepts about the tattooed citizen and/or with the tattoo that he carries in his body.

KEY-WORDS: Tattoo; Interpretation; Effect of sense.

INTRODUÇÃO

A presente proposta visa a refletir, no âmbito da Análise do discurso (AD) de tradição pecheuxtiana, sobre a produção de diferentes sentidos para a tatuagem denominada *índia*. Mais precisamente, tratamos de duas leituras distintas: a primeira delas foi apresentada pela *Cartilha de Orientação Policial – Tatuagens: Desvendando Segredos* (2011), produzida pela Polícia Militar do Estado da Bahia que apresenta a seus leitores sentidos a algumas tatuagens. E, a segunda, é a que fazemos a partir de uma entrevista oral realizada com um sujeito que possui a tatuagem *índia* materializada no seu corpo, o qual, todavia, desconhece a existência da Cartilha.

Antes de dar início à interpretação, acreditamos ser necessário esclarecer que concebemos a tatuagem como um texto portador de discursividade. Feito esse registro, continuamos as reflexões sobre as duas leituras às quais nos referimos, reiterando que se tratam de duas instâncias distintas, que produzem e mobilizam sentidos afetados por imaginários também distintos. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é contrapor o sentido pré-determinado pela referida Cartilha com aquele que nos foi possível produzir a partir da análise da entrevista do sujeito tatuado sobre a sua *tattoo*.

No nosso ponto de vista, a análise é importante pelo fato de existirem poucos estudos que interpretem a prática de tatuar o corpo, em especial, no campo da Análise do discurso. Relacionando essa prática aos pressupostos ideológicos e às condições de produção em que a tatuagem é feita, entendemos que o sujeito se identifica com o seu corpo para significar na

posição social em que imaginariamente está inscrito. Dito de outra forma, é através da tatuagem, num processo de textualização do corpo, que o sujeito grava no tecido da pele seu desejo, sua interpretação e sua interpelação, por meio de uma junção de linguagens que ganham sentido num momento específico (cf. ABREU, 2013).

Diante disso, entendemos que a *tattoo* significa em relação ao contexto sócio-histórico e à memória discursiva³ que a mesma mobiliza e, assim como as palavras não são dotadas de um sentido *a priori*, com as *tattoos*, o processo de produção de sentido também não permite que se pré-determine sentidos de forma autoritária, de modo como faz a Cartilha.

De acordo com os pressupostos da Análise do Discurso, compreendemos que é pelo viés da memória discursiva, que os sentidos a algumas tatuagens podem continuar ressoando no discurso promovido pela Cartilha, produzindo efeitos de sentido taxativos para os sujeitos que possuem materializadas no corpo as mesmas *tattoos* apresentadas por ela. Por outro lado, acreditamos que há sujeitos que (re)significam as tatuagens, desconhecendo ou desconsiderando a historicidade de sentidos que a mesma possui.

Nesse sentido, acreditamos que na leitura/interpretação de uma tatuagem, *múltiplas* leituras podem ser produzidas, dependendo dos efeitos de memória que nela sejam mobilizados. Novas interpretações podem ser projetadas e esse trabalho discursivo de atribuição de sentidos é que pode, inclusive, influenciar a sociedade leitora em (pré)conceitos em relação ao sujeito tatuado e/ou à tatuagem que ele carrega no seu corpo. A respeito, seguimos a orientação de Orlandi (2012b, p. 68) quando comenta que “o sujeito não lê da posição em que o sujeito formula: ele é posto em relação a essa posição. Aí jogam diferentes leituras, diferentes gestos de interpretação, trabalhadas no/pelo efeito-leitor”.

Ao fazer uma leitura da tatuagem, num conjunto de trabalhos que viemos desenvolvendo (SILVA; CAZARIN, 2014; SILVA, 2014a; SILVA, 2014b), observamos que ela se refere a um modo peculiar de materialização do discurso, bem como de circulação de sentidos, pois a mesma permanece visível na pele do sujeito. Isso coloca em pauta o próprio sentido, como ele se constitui, como se formula e como circula, o que, a nosso ver, é um processo de significação importante aos estudos sobre o corpo e sobre o sujeito, o qual é determinado pelo inconsciente e pela historicidade⁴.

³ Memória discursiva é uma concepção introduzida na AD por Courtine (1981) que, se diferencia de toda memorização psicológica. A memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos.

⁴ Na AD, interessa-nos trabalhar com a noção de historicidade e não, com a noção de história do ponto de vista cronológico. Isto porque importa observar não a linearidade da história, mas o modo como ela

Nessa perspectiva, entendemos que a tatuagem deve ser compreendida como uma materialidade discursiva, na qual o sentido não é dado de antemão, mas produzido por sujeitos que se tatuam ou que observam as tatuagens. E mais, ao nos referirmos às tatuagens, podemos tratá-las como gestos simbólicos materializados no corpo de sujeitos, produzindo diferentes sentidos. Tais constatações tornam-se possíveis, na medida em que entendemos a questão da constituição do sentido, seguindo o legado pecheuxtiano que nos alerta para o fato de que “as palavras, as expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1988/2009a, p. 146). Dessa forma, acreditamos que os sentidos não estão unicamente no desenho da tatuagem, mas estão aquém e além dela, pois contam as condições de produção⁵.

Se considerássemos a tatuagem com um significado preso a ela, como insinua a Cartilha já mencionada, estaríamos trabalhando de forma equivocada em relação aos pressupostos teóricos basilares da teoria na qual nos inscrevemos. No caso em questão, sustentamos o nosso estudo nas orientações pecheuxtianas quando salienta que “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem ‘um’ sentido que lhe seria ‘próprio’, vinculado a sua literalidade” (PÊCHEUX, 1988/2009a, p. 147, grifos do autor). Nessa perspectiva em que as palavras não significam *a priori*, nós consideramos igualmente que as tatuagens não significam *a priori*, pois, para compreender o sentido que produzem, é necessário analisá-las a partir do processo discursivo em que ocorrem para entender seu funcionamento e os efeitos de sentido que produzem.

Na sequência do texto, apresentamos a Cartilha de Orientação Policial e a significação que ela atribui à tatuagem denominada *índia*. No segundo momento, expomos as considerações do sujeito entrevistado sobre a sua *tattoo*, bem como o desenho da mesma, a fim de atender ao objetivo por nós proposto.

1. CONSTITUIÇÃO, PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS

se inscreve nos processos discursivos. A historicidade, assim, reafirma a relação constitutiva entre linguagem e exterioridade.

⁵ As condições de produção, na perspectiva da AD, levam em conta os sujeitos (locutor e interlocutor partícipes da interlocução), a situação (o contexto imediato, as circunstâncias da enunciação), o contexto histórico-social (que diz respeito ao contexto ideológico) e a memória do dizer (interdiscurso). Afinal, o contexto extralinguístico influencia também a relação locutor/interlocutor no processo discursivo (cf. ORLANDI, 2012a).

A *Cartilha de Orientação Policial – Tatuagens: desvendando segredos*⁶ é resultado de um trabalho da área policial, realizado pelo Tenente Policial Militar Alden da Silva (2011), que atribui alguns significados específicos a algumas tatuagens no mundo do crime. Este trabalho teve parceria de autoridades oficiais e recebeu apoio da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (que foi responsável pela publicação do documento).

Em um primeiro momento, refletimos acerca das condições de produção do discurso sob as quais a Cartilha foi elaborada, com base na ótica de Pêcheux (1990/2010). O autor nos ensina que o discurso é constituído em relação ao imaginário que o sujeito tem do lugar social do qual enuncia. Para melhor entender isso, recorreremos a Orlandi (2012a, p. 40) quando escreve que todos os mecanismos de funcionamento do discurso repousam nas formações imaginárias. Em suas próprias palavras, “não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos, como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade (...), mas suas imagens que resultam de projeções”. Assim, a partir dos autores recém-citados, entendemos que as posições – sujeito policial militar, sujeito tatuado, sujeito criminoso e/ou inocente – influenciam no processo de constituição de sentidos às tatuagens, na medida em que tais posições significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória discursiva, pois o mecanismo imaginário produz imagens dos sujeitos e também da tatuagem e, por conseguinte, as posições mobilizam um dizer que remete a alguns sentidos e não a outros.

Ao pensarmos sobre a constituição de determinados sentidos aludidos na Cartilha, outra questão se faz pertinente e merece atenção, trata-se da ideologia. Ao examinarmos a referida Cartilha, observamos que seu autor, a partir da posição social em que está inscrito, sugere a pretensa literalidade de alguns sentidos a algumas *tattoos*, produzindo efeitos que explicitam as diferenças entre policial/bandido, como também a hierarquia e a divisão de classes entre sujeitos. Afirmamos isso com base nas orientações pecheuxtianas (1990/2010), quando o autor escreve que a ideologia é um processo que produz e mantém as diferenças necessárias ao funcionamento das relações sociais de produção em uma sociedade dividida em classes.

A compreensão do funcionamento discursivo da Cartilha em pauta nos leva a refletir sobre a reprodução das relações de classe, assegurada materialmente pela existência de realidades que se apresentam sob a forma de instituições distintas e especializadas, designadas por Althusser (1970, p. 43-44) de “aparelhos ideológicos de Estado” (AIE), na medida em que a Cartilha direciona o leitor ao sentido atribuído *a priori*, apresentando-o como *o sentido*. Há

⁶ Fonte: Disponível em: <<http://http://amigosdaguardacivil.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 24 de maio de 2014.

aí uma ideologia trabalhando como um mecanismo estruturante do processo de significação (cf. PÊCHEUX, 1990/2010).

Althusser (1970), quando trata do poder dos Aparelhos de Estado (AE), postula que eles funcionam simultaneamente pela repressão e pela ideologia, permitindo às classes dominantes assegurar a sua dominação sobre as classes operárias. Nesse sentido, é que estabelecemos uma relação com a Cartilha de Orientação Policial, pois ela estaria “ensinando ‘saberes práticos’, mas, em moldes que asseguram a sujeição à *ideologia dominante* ou o manejo da ‘prática’ desta” (ALTHUSSER, 1970, p. 22, grifos do autor).

No caso, uma instituição do Estado como a Polícia Militar (PM) estaria funcionando como agente da produção, da exploração e da repressão dos sujeitos tatuados, não só com aqueles sujeitos envolvidos ao mundo do crime, mas expondo todos os sujeitos que apresentam as *tattoos* contidas na Cartilha. Neste texto, tratamos da *tattoo* denominada *índia*, especificamente, pelas possibilidades de efeitos de sentido que nela ressoam.

Diante do que foi exposto, salientamos que, por meio da Cartilha, ainda que disso o autor não se dê conta, incentivam-se condições e possibilidades de uma sociedade dividida em classes, mesmo que seja contraditório o abuso de poder dos policiais militares, na medida em que são eles que deveriam zelar pela segurança da sociedade. É também contraditório adotar uma *Cartilha de Orientação Policial*, apresentada como se fosse didática, para discriminar sujeitos que possuem tatuagens.

Antes de continuarmos na leitura da significação atribuída pela Cartilha à *tattoo* por nós selecionada, cumpre-nos retomá-la e apresentá-la aos leitores deste trabalho, pois até o presente momento somente a citamos. Observemos a capa da mesma, a seguir.

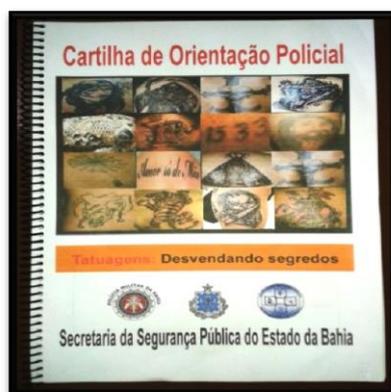


Figura 1 – Fotografia da capa de frente da *Cartilha de Orientação Policial*. Tirada em: 20/08/2014

Nesta Cartilha, podemos compreender, por meio do jogo imaginário de representações a partir de *quem, o quê e para quem*, que o conteúdo dito pedagógico, na verdade, estabelece

um discurso autoritário – tal como define Orlandi (2011, p. 154), em que “a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida” –, isto porque a representação da figura de policial militar como elemento central, cuja posição social é imaginariamente elevada, influencia na medida em que é ele quem detém o saber e, conseqüentemente, o poder no espaço público, consolidando sentidos “x” e/ou “y”, fechados e acabados em si.

A tatuagem de *índia*, nosso objeto de análise, é uma sequência discursiva (SD) representativa do recorte que fizemos da Cartilha, que exemplifica o funcionamento de atribuição de sentidos estipulados *a priori* às tatuagens. Vejamos o sentido que a Cartilha atribui à *tattoo* em questão:

SD 1

Associado a matador de Policiais e praticante de roubos. A índia representa a deusa da beleza, da sedução, que se utiliza de meios e/ou subterfúgios para atrair as vítimas (cilada, sexo, traição) e as oferece em sacrifício ao anjo vingador. Dessa forma ela se mantém linda, oferecendo almas em troca da beleza eterna. Muito utilizado por traficantes no Rio de Janeiro (soldados do tráfico), que como regalia (no passado) poderiam utilizar fuzis. O possuidor da índia também apresenta perfil frio e violento (SILVA, 2011, p. 14).

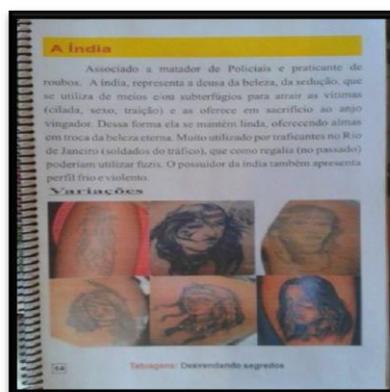


Figura 2 – Fotografia da tatuagem de índia contida na Cartilha. Tirada em: 20/01/2015

Nesta SD, temos, como já referido, uma Cartilha elaborada por um policial militar, endereçada a colegas policiais militares para ensiná-los o que cada tatuagem significa. Cartilha essa publicada por uma instituição que deveria representar todos os sujeitos de uma sociedade, sem discriminação.

Sobre a leitura/interpretação da tatuagem *índia* (SD1) que fazemos, compreendemos que o sujeito tatuado com essa *tattoo* seria considerado supostamente um sujeito ladrão e assassino, assim se expressa o próprio autor àquele que possui a tatuagem *índia*: “matador de

Policiais e praticante de roubos” (SILVA, 2011, p. 14). Nesse contexto, em que se fornece a evidência do sentido da *tattoo*, evidências pelas quais a sociedade saberia o que significa um sujeito tatuado com uma índia, se mascara, sob a transparência da linguagem ou diríamos da tatuagem, aquilo que Pêcheux (1988/ 2009a, p. 146) denomina de “caráter material do sentido”. Nesse pressuposto teórico, o sentido não existe em si mesmo e é na formação discursiva⁷ que se dissimula a transparência do sentido que nela se forma, resultando num efeito de objetividade.

Na Cartilha, observamos que os sentidos são tratados na literalidade do significante, pois os elementos intralinguísticos que o autor articula na sua elaboração direcionam o leitor ao sentido que ele apresenta, tornando o seu discurso o mais *verdadeiro* possível. Esse efeito de objetividade, tal como o entendemos, pode ser observado pelas pistas linguísticas que destacamos: “associado a matador de Policiais e praticante de roubos”, “a índia, representa a deusa da beleza”, “dessa forma ela se mantém linda, oferecendo almas em troca da beleza eterna”, “muito utilizado por traficantes no Rio de Janeiro” e “o possuidor da índia também apresenta perfil frio e violento” (SILVA, 2011, p. 14).

As pistas linguísticas recém-destacadas nos fizeram refletir sobre alguns pontos:

- i. O autor escreve “associado a matador de Policiais e praticante de roubos” como se fosse possível uma relação direta e objetiva entre o significado e o significante, tal como trabalha a Linguística Estrutural. O sintagma “associado”, utilizado pelo autor, nos levou a pensar sobre a opacidade da linguagem, pois numa perspectiva discursiva, “a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos” (ORLANDI, 2012a, p. 53). Nessa forma que concebemos a linguagem, com sua incompletude, é que entendemos que os sentidos não são dados e constituídos definitivamente; ao contrário, sua constituição se dá sob o modo do entremeio, da relação, da falta e do movimento. Assim sendo, na SD em análise, o significante *índia* não teria uma relação direta com o significado *matador e/ou ladrão*, a significação para tal significante é constituída, ou no caso em pauta, construída pelo sujeito tatuado numa interlocução com o sujeito tatuador conforme veremos posteriormente.
- ii. Outro fator que nos causou inquietação provém da formulação “a índia, representa a deusa da beleza”, na medida em que nos perguntamos de que lugar

⁷ Na ótica pecheuxtiana, a formação discursiva (FD) é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina ‘o que pode e deve ser dito’” (PÊCHEUX, 1988/ 2009a, p. 147, grifo do autor).

social se origina o saber de índia como “deusa da beleza, da sedução, que se utiliza de meios e/ou subterfúgios para atrair as vítimas” (SILVA, 2011, p. 14)? Primeiramente, registramos que entendemos a representação como simbólica, pois não se trata da coisa em si, mas de uma relação da ordem simbólica com o mundo, porque a linguagem é simbólica. Nesse caminho, quando pensamos em índia, remetemo-nos, sob influência da memória discursiva, à representação de mulheres que mantêm laços históricos e culturais com as comunidades sociais nativas, anteriores à chegada dos colonizadores e não como deusa da beleza, pois não se pode generalizar que todas as mulheres indígenas são e/ou foram “encarnações de deusas”. Consequentemente, lembramos que há diferença entre as representações discursivas de quem faz uma tatuagem de *índia* por filiação ao mundo do crime e de quem a faz por reminiscência à história em quadrinho, por exemplo.

- iii. Dando continuidade às reflexões, para pensarmos nas condições de produção relacionadas ao crime a fim de compreender o sentido atribuído *a priori* pelo autor da Cartilha, destacamos a seguinte expressão, “dessa forma ela se mantém linda, oferecendo almas em troca da beleza eterna” (SILVA, 2011, p. 14). Por conseguinte, “dessa forma ele (sujeito tatuado com a *índia*) se mantém forte, oferecendo almas (dos policiais militares mortos) em troca de liberdade, de reconhecimento”.
- iv. Em relação ao fragmento “muito utilizado por traficantes no Rio de Janeiro”, também importam as condições de produção, na medida em que o autor delimitou o espaço que possivelmente estão presentes os supostos sujeitos tatuados com o desenho de índia e então, considerados criminosos – o espaço geográfico do estado do Rio de Janeiro. Essa delimitação nos causou certo desconforto, pois a Cartilha foi elaborada no estado da Bahia para a atuação policial naquele contexto e, com a pretensão de institucionalização da mesma. Justificamos tal desconforto na medida em que se tem um estudo (Cartilha) apoiado em poucos casos carcerários, em alguns presídios do Brasil. E ainda que se encontre uma relação entre a tatuagem e o significado atribuído pela Cartilha, não entendemos coerente, por parte da PM, generalizar tais sentidos país a fora. Para nós, as generalizações podem incitar a violência e a discriminação com os sujeitos tatuados, pois ninguém garante que o contexto social será levado em conta no processo policial. Ou seja, será que o sujeito

tatuado terá a chance de atribuir outro sentido à sua *tattoo* diante uma abordagem policial? Qual sentido seria aceito em um contexto dessa natureza? Um sujeito seria abordado apenas por seu corpo ser suporte de tal tatuagem? Eis questões práticas que alguns Policiais Militares talvez levem em consideração, mas outros não. Assim, teríamos policiais utilizando-se da Cartilha para afirmar o seu poder, abusando da sua posição-sujeito, encorajados por um órgão máximo que é a Secretaria de Segurança Pública.

- v. Por último, atentamos para o imaginário que intervém na produção do sentido em questão, pois nas próprias palavras do autor da Cartilha, “o possuidor da índia também apresenta perfil frio e violento” (SILVA, 2011, p. 14). Sobre o imaginário, Cazarin (2005, p. 140), parafraseando Sercovich (1997), registra que “o imaginário discursivo não se explica através de uma determinada realidade, e sim como se derivando de determinados interesses sociais”. Logo, o imaginário sobre o uso da tatuagem de índia que perpassa a constituição do sentido na Cartilha é que o sujeito seria mau/psicopata. Dessa forma, o perigo, a nosso ver, está na imposição de sentidos que constroem um imaginário depreciativo ao sujeito tatuado e também na forma inadequada e/ou violenta que os policiais militares podem abordar esse sujeito, fazendo valer sua posição-sujeito e fortalecendo os laços hierárquicos entre as classes sociais em questão.

Apresentada nossa reflexão, relembramos, como afirma Orlandi (2011, p. 140), que “não há algo dado, ao qual acrescento, quando retomo. Penso que a incompletude é a condição da linguagem. Não adianta querer estancá-la em compartimentos que se preenchem a cada turno da interlocução”. A partir do que escreve a autora, no processo discursivo de interlocução, os sentidos se apresentam múltiplos, mesmo que se tenha um sentido literal que se institucionaliza como produto da história.

Na perspectiva discursiva do sentido, abre-se espaço para o real da língua, ou seja, para o impossível de tudo dizer, tal como o equívoco, o chiste, o ato falho, dentre outros. Tudo isso vai interferir na interpretação que o sujeito realiza, seja aquele que pratica o gesto de tatuar-se ou aquele que lê a tatuagem no corpo do sujeito tatuado. Orlandi (2012a, p. 59) assinala que “esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos”. Nesse viés, reiteramos que a interpretação é de extrema importância nos estudos em AD.

Com base na citação da autora, entendemos que há possibilidades de o sujeito significar e se significar indefinidamente e, a tatuagem, nesse ínterim, é um modo de textualização de discursos que podem significar diferentemente – o que atesta, a nosso ver, para a incoerência de uma possível generalização da Cartilha, para além de seu grupo social proposto, ou dito de outra maneira, para além de sua FD, apresentando tatuagens com significados cristalizados. Em relação a isso, lembramos o que anteriormente nos referimos, “o sujeito não lê da posição em que o sujeito formula” (ORLANDI, 2012b, p. 68), o que nos leva a entender que o sujeito policial militar, ao visualizar a tatuagem *índia* no corpo de um sujeito, poderá não atribuir o mesmo sentido à *tattoo*, produzido pelo sujeito tatuado quando do gesto de tatuar o referido desenho – esse, no nosso ponto de vista, é um dos riscos que se corre quando do uso de generalizações.

Ao refletir sobre as tatuagens carcerárias tal como propõem Toffolli (2005) e Osório (2006), admitimos, por um certo ponto, que pode haver relação de identificação, em alguns casos, entre os sentidos contidos na Cartilha e os sentidos atribuídos por sujeitos tatuados – como apresenta o estudo de Silva (2011). Para os dois primeiros autores, a tatuagem caracterizada como índice de sujeitos presidiários/criminosos compreende ao universo restrito ao âmbito do cárcere, produzido e influenciado por relações estabelecidas lá, e o isolamento pode ser um dos fatores que influenciam a manifestação dessas redes identificatórias.

Isso, para nós, não justifica a institucionalização da Cartilha, tampouco a sua utilização como meio operacional de identificação de criminosos, por meio de sentidos dados. Ao encontro do nosso entendimento, estão os estudos de Sheiner (2006) sobre a tatuagem. Para esse autor, no gesto de tatuar-se, textualizam-se discursos mobilizados pelo sujeito, mas que serão interpretados por outros, de maneiras diferentes a cada posição-sujeito face à imagem tatuada – a tatuagem é um fenômeno social que não deixa de aparecer para o(s) outro(s). E nesse sentido, os sujeitos que se tatuam, textualizam sentidos que significam para si, mas que são interpretados, de forma distinta, por outros sujeitos.

Nessa ótica, buscando demonstrar que o sentido sempre pode ser outro, abaixo, trazemos as considerações do sujeito entrevistado sobre a sua *tattoo* de *índia*. Esse sujeito foi convidado a participar da pesquisa porque possui em seu corpo a tatuagem contida na Cartilha. A partir da explicitação do trabalho, foi apresentado um roteiro sobre alguns pontos necessários a serem falados, mas isto foi somente um ponto de partida para ele apoiar-se. O modelo do roteiro foi o seguinte: “Fala-me, de maneira bem simples, sobre a tatuagem que tens, o lugar do corpo que ela está localizada, como o desenho foi escolhido e a motivação que tiveste no gesto de se tatuar; quando tatuou-se e por quê? Fala-me também, o significado

da *tattoo* para ti e o significado dela na sociedade, se já ouviste as pessoas atribuírem sentidos sobre ela”. De posse da entrevista, à medida que a leitura das SDs se verticalizava, fomos percebendo, nos processos discursivos em pauta, distintas relações na forma de lidar com o sentido da tatuagem entre a Cartilha e o sujeito entrevistado. Em suma, compreendemos que se tratam de dois funcionamentos distintos com relação ao sentido, ou seja, apresentam-se duas instâncias contrapostas. Dito de outra maneira, estamos diante de campos de saberes diferentes que mobilizam sentidos “x” ou “y” e, isto nos possibilita pensar em duas formações discursivas distintas.

Vejamos as considerações do sujeito entrevistado:

SD2:

Bom, então, na realidade, eu fiz a tatuagem quando eu tinha 16 anos e eu queria um lugar diferente assim para que ninguém... ninguém soubesse ou ninguém visse até o momento em que eu quisesse mostrar, né. Então, daí por isso que eu resolvi fazer ela na costela [...] eu decidi fazer ela porque um amigo meu perguntou: “- Cara tu...”, um amigo que me tatuou no caso, né, “- Cara tu quer tatuar o quê e por quê?”, aí eu digo: “-Ah, eu quero tatuar algumas coisas que eu goste... que eu gosto... aí, e uma delas era cavalo, tinha que ter cavalo na situação, né. [...] Tá... (pausa) mas um cavalo solto, sozinho não tem motivo, né?! Tá... (pausa) “-E que mais que tu gosta?” “-Eu gosto de campo, eu gosto de montanha, que isso eu acho bonito e tal, né.” [...] Oh, começou a melhorar o desenho, vamos montando o desenho e daí, ele disse: “-Poxa! Quem sabe vamos botar uma mulher e tal, na tatuagem? [...] “-Puxa! Nós vamos colocar uma mulher montando o cavalo, mas vamos botar o quê, uma ginete, vamos botar uma selvagem, o que que é? Que tipo de mulher nós vamos colocar?” Aí, nós começamos é... (pausa) vamos botar um cavalo selvagem e, daí, botamos uma mulher selvagem. “-Mas uma mulher selvagem, que características tem essa mulher?” “Bom, então vamos caracterizar essa mulher como uma índia, né.” “-Tá, uma índia fica legal, gosto de história e tal... tá! Beleza!” Daí, nós começamos a montar o desenho, né, daí ficou né... (pausa) os fundos, ficou uma montanha assim e tal com a lua cheia e depois, ficou o cavalo e ham... (pausa) a suposta índia, né, que era para caracterizar o desenho. E o sentido era esse, que eu queria fazer uma primeira tatuagem e eu não sabia direito e acabei descobrindo a tatuagem nessa maneira. [...] “eu adoro ela!”(SUJEITO, 2014).



Figura 3 – Fotografia da tatuagem de índia do sujeito entrevistado. Tirada em: 18/07/2014

A SD2 explicita a relação do sujeito com seu corpo. Esta relação, de acordo com o que entendemos no nosso trabalho analítico, não se dá de forma objetiva porque os sujeitos, assim como os sentidos, se constituem concomitantemente por processos em que interferem a ideologia, o inconsciente, a exterioridade, o imaginário e a memória⁸.

Essa acepção ancora-se no que escreve Orlandi (2012a) sobre o processo de significação do sujeito. A autora entende que

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. Sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa (ORLANDI, 2012a, p. 53).

Nesse ínterim, compreendemos que a relação do sujeito com a língua, mas também com o seu corpo, não escapa às determinações ideológicas. Se considerássemos o sujeito distante da historicidade que o constitui, ou seja, distante das condições de produção do seu

⁸ As noções de ideologia, inconsciente, exterioridade, imaginário e memória possuem um caráter teórico fundamental na AD. Essa importância advém da própria formulação da teoria por Pêcheux, na perspectiva que teoriza como a linguagem está materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Essa teoria coloca questões para a Linguística interrogando-a pela historicidade que esta exclui, assim como ela questiona as Ciências Sociais pela transparência da linguagem sobre a qual elas se constroem. O autor compreende o sentido como sendo regrado pelas questões de espaço e tempo das práticas humanas, descentralizando o conceito de subjetividade e limitando a autonomia do objeto da Linguística. Assim, explicita as relações entre sujeito, linguagem e história, criando um novo objeto: o discurso. Fonte: Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/>>. Acesso em 5 de março de 2014.

discurso, da sua cultura e da sua bagagem de experiências, reduziríamos o estudo à noção de sujeito empírico, justamente o sujeito questionado pela Análise do Discurso. Nesse caso, não daríamos conta de compreender o sentido atribuído à tatuagem pelo sujeito entrevistado, pois além do linguístico, precisamos considerar a dimensão histórica e psicanalítica que atravessa o discurso e o sujeito.

Nesse contexto, a *tattoo*, como forma de significar o corpo, apresenta diferentes sentidos a depender das condições de produção em que o sujeito está inserido ao materializá-la. Cabe salientar que não se trata de sentido “verdadeiro” atribuído pelo sujeito entrevistado, trata-se de possibilidades de leituras de sua tatuagem, na medida em que “estamos imersos numa grande quantidade de símbolos e os produzimos em permanência. Mas assim como mudam as condições de significar, mudam também as formas como o sujeito aí se move nos trajetos da significação” (ORLANDI, 2004, p. 123). Diante disso, não acreditamos ser conveniente relacionar a tatuagem a um possível crime cometido pelo sujeito tatuado, pois na SD2, podemos observar sentidos divergentes àqueles da Cartilha. Vejamos a construção de sentido do sujeito entrevistado, de acordo com algumas pistas linguísticas que selecionamos a partir de nossa leitura:

- i. O primeiro ponto que destacamos nas considerações do sujeito sobre a sua tatuagem de índia, diz respeito ao lugar do corpo que o sujeito a tatuou. Na sua formulação, ele manifesta sua preocupação, anterior ao desejo de ter uma *tattoo*, sobre o lugar do corpo em que a materializaria, “eu queria um lugar diferente assim para que ninguém... ninguém soubesse ou ninguém visse até o momento em que eu quisesse mostrar, né” (SUJEITO, 2014). Isto, a nosso entender, está relacionado a um jogo de mostrar/esconder a tatuagem, que está ligado a diferentes posições sociais que o sujeito desempenha, em que o mostrar ou esconder a tatuagem está estreitamente ligado aos padrões estipulados na sociedade. Ou seja, sob o ponto de vista do sujeito entrevistado, a tatuagem deveria condizer com a posição social que desempenha no espaço-social, o que reflete a emergência de saberes discriminatórios referentes a *tattoo* que circulam socialmente. A título de exemplificação, o sujeito poderia ir até o parque e mostrar a sua tatuagem, mas não seria apropriado mostrá-la numa entrevista de emprego inclusive, podemos lembrar que há concursos públicos, em determinadas áreas, que não admitem sujeitos tatuados.
- ii. O segundo ponto que destacamos na construção do sentido, trata-se da questão de alteridade entre o eu (sujeito entrevistado) e o outro (sujeito tatuador). Nas

considerações do sujeito, ele relata a participação do sujeito tatuador na formulação da sua tatuagem, tanto que ela foi construída a partir de indagações de possíveis gostos do sujeito entrevistado. Utilizando-nos das palavras do próprio sujeito (2014), “e acabei descobrindo a tatuagem nessa maneira”. Nesse ponto, entendemos importante a referência aos pressupostos bakhtinianos de interação verbal, em que se compreende que o sentido da *tattoo* em questão foi produzido numa relação de interação dialógica com o outro. Entretanto, isso deslocado para a teoria da AD, nos coloca diante do “efeito de sentido entre interlocutores” de que nos fala Pêcheux (1990/2010), quando da explicitação do que seja o discurso. Nesse contexto, acrescentamos à reflexão as indagações de Braga (2009, p. 145) sobre a autoria na constituição da tatuagem. Ele questiona: “quem é o autor do quê? O tatuador ou o sujeito tatuado?” e, posteriormente, conclui que cabe a posição de autoria ao sujeito que é tatuado, pois é ele quem oferece o seu corpo como suporte e que, de fato, participa de todo processo discursivo. Somando a isso, na nossa concepção, não basta apenas praticar o gesto de se tatuar para ser autor, a assunção da autoria implica também uma inserção do sujeito na cultura, ou seja, implica sua posição no contexto histórico-social em que está inscrito.

- iii. Dando continuidade à análise, acreditamos ser pertinente sublinhar a inserção de uma mulher na tatuagem. Num momento específico de interação/interlocução entre o eu e o outro, o sujeito tatuador sugeriu o acréscimo de uma mulher para compor a *tattoo*, o que resultou num movimento de saberes relacionados à mulher, vejamos: “- Puxa! Nós vamos colocar uma mulher montando o cavalo, mas vamos botar o quê, uma ginete, vamos botar uma selvagem, o que que é? Que tipo de mulher nós vamos colocar?” (SUJEITO, 2014). Nesse funcionamento do discurso, pelo viés da memória discursiva, o sujeito mobilizou sentidos à imagem de mulher associados à selvagem, para acompanhar o desenho que estava sendo *montado* com montanha, lua cheia e cavalo, caracterizando-a, assim, como índia. Nessa perspectiva, pensando no papel da memória discursiva, como constitutiva do dizer, entendemos que a significação foi produzida a partir de sentidos que carregam a historicidade de saberes que constituem o sujeito. Estes sentidos sobre a mulher/índia foram produzidos a partir das representações que ambos, sujeito entrevistado e sujeito tatuador tinham e, se comparássemos ao

imaginário social de cada um deles sobre a mesma, possivelmente teríamos outro sentido – e aqui, retomamos aquele atribuído pela Cartilha, construído de maneira distinta, produzindo outro efeito. Na conclusão do sujeito entrevistado (2014) sobre a possível inserção da *índia* na sua *tattoo*, ele alega: “-Tá, uma índia fica legal, gosto de história e tal”. Diante disso, vale lembrar que o sentido foi produzido em decorrência de um gesto interpretativo do sujeito. Não há sentidos dados, eles são construídos por sujeitos inscritos na história, num processo simbólico duplamente descentrado pelo inconsciente e pela ideologia.

- iv. Na sequência, refletimos sobre a sentença “eu adoro ela”, utilizada pelo sujeito entrevistado, quando se referia a sua tatuagem. Esse processo de identificação pode estar relacionado ao postulado por Sant’Anna (2001, p. 69) sobre os meios que possibilitam a transformação do corpo. Para a autora, a utilização de tais meios, como é o caso da tatuagem, proporciona o seguinte: “meu corpo corresponde àquilo de que gosto, àquilo que sou, independentemente das minhas heranças genéticas, das minhas filiações culturais e de classe, do meu estado civil e das maneiras pelas quais eu ganho dinheiro”. Dessa maneira, o corpo do sujeito entrevistado tornou-se um espaço para a materialização de algo que gosta e a que se identifica, a *tattoo descoberta*.
- v. Por último, mas não menos importante do que as anteriores, as hesitações e as repetições do sujeito entrevistado nos causaram interesse. Encontramos nas considerações do referido sujeito, as seguintes hesitações: “E...”, “Tá...”, “é...”, “ficou né...” e “ham...”. E repetições como: “ninguém... ninguém”, “porque... porque” e “é... é...”. Para entender tal funcionamento discursivo, recorreremos ao que propõem Oliveira e Souza (2000). Para eles, as hesitações e as repetições significam na formulação do sentido, ou seja, ambos os funcionamentos produzem efeitos que constituem o processo de significação realizado pelo sujeito. Levando essas considerações em conta, compreendemos que a presença desses funcionamentos discursivos na oralidade não se trata de uma dificuldade de acesso imediato à memória, como entenderia uma perspectiva de base cognitivista; ao contrário, trata-se do trabalho da memória que consiste em dispor sentidos de modo inacabado. No entendimento dos autores citados, as hesitações, concebidas como pausas (tempo a mais) na linearidade da fala, podem ser relacionadas à noção de silêncio trabalhada, na AD, por Orlandi

(1992/2007). Fazemos uso das palavras dos autores para explicar tal proposição,

...nos planos do tempo a dizer e do ‘não-dizer’ interpelam-se discursos a fim de melhor suprir o vazio da linguagem. Em toda a fala há uma intervenção de várias redes de memórias discursivas que lutam entre si, e ao se encontrarem em algum obstáculo, causam a pausa (OLIVEIRA; SOUZA, 2000, p. 48, grifo dos autores).

No caso em análise, consideramos que as pistas linguísticas de hesitações, presentes na SD em questão, permitem que o sujeito entrevistado opere ilusoriamente com o dito e o a dizer e, neste entremeio, significa também o não-dito. Ou seja, aquilo que o sujeito não diz constitui igualmente o sentido do seu dizer e, para analisarmos esse sentido, levamos em conta a exterioridade do dito, ou seja, o interdiscurso, a memória do dizer.

Assim, tendo em vista as análises, compreendemos que a prática de tatuar-se não pode ser entendida apenas como um ritual homogeneizante de sentidos, tampouco ela sugere sentidos fixos aos desenhos, de maneira lógica. Pela nossa acepção, produto de estudos que viemos realizando, a tatuagem estabelece um campo de significação que compreende o próprio corpo do sujeito como um espaço de sentidos inscritos na pele, produzindo efeitos de sentidos próprios a determinadas condições políticas e ideológicas. Nessa instância, podemos afirmar que a tatuagem se constitui como um gesto em que se articulam corpo, linguagem, desejo, falta e excesso, processo esse relacionado à ideologia, ao imaginário, às formas de representação e às condições de produção que afetam sujeitos e sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certas de que é necessário produzir um efeito de fechamento do texto, atentamos para o fato de que, no nosso ponto de vista, a Cartilha não se sustenta, na medida em que não dá conta do controle dos sentidos, pois precisamos levar em conta a importância da noção de exterioridade e de memória discursiva, para tratar da produção de sentido. Dito de outra forma, acreditamos que os saberes produzidos pela Cartilha podem, de alguma maneira, ser úteis aos policiais militares se levarmos em conta a formação discursiva aos quais os mesmos estão inscritos, todavia, em outras formações discursivas, os sentidos serão outros uma vez que o sentido, em Análise do Discurso, se constitui no interior da FD.

Na perspectiva da AD, não trabalhamos de forma a regular os sentidos. Submetidas à instância ideológica, acreditamos que é preciso (des)aprender das evidências. E como adverte

Pêcheux (1988/ 2009b, p. 281), “é preciso ousar pensar por si mesmo”. Nesse viés, fígadas por essa teoria interpretativa, reconhecemos e mantemos o desconforto de nos deparar com sentidos fixos às tatuagens que podem fomentar a discriminação e a exclusão de sujeitos que as materializam em seus corpos.

Por fim, instadas ao fechamento do texto, gostaríamos de pontuar a incompletude constitutiva do gesto de leitura/interpretação que fazemos aqui, o que não nos exime da responsabilidade sobre ele.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. Corpo e linguagem – uma relação constitutiva. In: *Políticas de autoria*. São Carlos: EduFSCar, 2013.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970.

BRAGA, S. A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*. n. 1. jan./abr., 2009. p. 131-155.

CAZARIN, E. *Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula*. Ijuí: Unijuí, 2005.

OLIVEIRA, A.; SOUZA, P. Tempo e hesitação: a subjetivação em narrativas pessoais. *Workingpapers em Linguística*. n. 4. UFSC, 2000. p. 40-53.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992/2007.

_____. Textualização do Corpo: A escritura de si. In: *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004. p. 119-128.

_____. O sentido dominante: a literalidade como produto da história. In: *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 135-148.

_____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

_____. Os Efeitos de Leitura na Relação Discurso/Texto. In: *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b. p. 59-72.

OSÓRIO, A. *O gênero da tatuagem: Continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro*. 2006. 267 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, mar. 2006.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Tradução de José Horta Nunes. n. 19. Campinas, jul./dez., 1982/1990. p. 7-24.

_____. A forma-sujeito do discurso. In: *Semântica e Discurso* (1975). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988/ 2009a. p. 145-168.

_____. Análise automática do discurso (AAD – 69). In: *Por uma análise automática do discurso*. 4. ed. Tradução de Bethania Mariani et al. Françoise Gadet e Tony Hak (orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990/2010.

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: *Semântica e Discurso* (1975). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988/ 2009b. p. 269-281.

SANT'ANNA, D. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCHEINER, A. *Marcado na pele: consumo, tatuagem e cultura de massa: um estudo sobre as narrativas do consumo a partir das tatuagens de marcas de produtos*. 2006. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, A. *Cartilha de Orientação Policial – Tatuagem: Desvendando segredos*. Salvador, BH: Magic Gráfica, 2011.

SILVA, N.; CAZARIN, E. Tatuagem: a arte de ler o funcionamento dessa linguagem gravada na pele. In: *XVI Encontro de Pós-Graduação – ENPOS*. 8 a 12 de set., 2014. Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas. Anais do evento, 2014.

SILVA, N. Uma análise de representações da tatuagem “Demônio da Tasmânia”. In: *XI Encontro do CelSul*. 12 a 14 de nov., 2014. Chapecó, SC: Universidade Federal da Fronteira Sul. Anais do evento, 2014a.

SILVA, N. *Tatuagens: sujeitos e sentidos*. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Pelotas, 2014b.

SUJEITO. *Entrevista sobre a tatuagem de índia*. [jul., 2014]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2014. 1 arquivo mp3 (04:04). 1 fotografia da tatuagem.

TOFFOLLI, R. *Corpos tatuados: preliminares a uma abordagem semiótica*. *Estudos Semióticos*, n.1. São Paulo, 2005.